

### 3. Alguns conceitos

#### 3.1. ÉVORA, MOTOR DE DESENVOLVIMENTO E DE URBANIDADE

O último meio século constituiu um período de turbulência económica e demográfica para o Alentejo: declínio económico, como consequência da desvalorização da produção agrícola, e perdas de população, resultantes da emigração e da queda brusca da natalidade.

Neste contexto, as cidades de maior dimensão constituíram, a um tempo, “refúgios” e focos de resistência, face a áreas rurais que se esvaziaram de gente e, em grande medida, perderam toda a actividade produtiva. Évora, a mais central, a mais povoada e a melhor equipada das cidades alentejanas, foi naturalmente a cidade onde este processo teve a sua expressão máxima: viu a sua população crescer significativamente, atraiu os principais investimentos produtivos do interior alentejano, qualificou e concentrou equipamentos públicos, consolidou a estrutura universitária, protegeu o património histórico-cultural. Évora, não obstante o declínio demográfico e económico nas últimas décadas, afirmou-se no contexto do sistema urbano nacional e, naturalmente, reforça a sua capitalidade regional, se não no plano administrativo, decerto que no económico, social, cultural e simbólico.

Hoje, Évora além de servir melhor a sua área de influência “natural”, oferece emprego a importantes contingentes de activos do resto do concelho e de concelhos vizinhos, promovendo assim a qualidade de vida de populações que extravasam em muito os limites da cidade e mesmo do concelho.

Assim, no meio século que medeia entre a segunda metade dos anos 50 do século passado e a actualidade, Évora foi um caso excepcional de centro promotor da urbanização das populações no Alentejo, contribuindo primeiro para o estancamento da emigração e, mais recentemente, para viabilizar uma significativa corrente imigratória.

Ao primeiro período corresponde a vinda para as periferias das cidades de milhares de rurais; no segundo período, além dos referidos movimentos de imigração (de nacionais e de estrangeiros) é relevante o processo de urbanização que se consolida desde Arraiolos, a

Redondo, de Portel a Viana do Alentejo ou a Alvito, incluindo um grande número de aldeias, em que a agricultura já não é a principal ocupação das populações, como nos casos de Azaruja, S. Miguel de Machede, S. Marcos, Monte Trigo, Aguiar, Graça do Divor, entre outros.

Em conclusão, a urbanidade que por vários factores Évora projecta para lá da cidade e do concelho, num raio de cerca de 30 quilómetros, tem contribuído para a configuração de um sistema urbano local, cada dia mais coeso, o que se traduz no aumento dos fluxos entre Évora e um conjunto de aglomerações com características crescentemente urbanas, mesmo não sendo, em muitos casos, sedes de concelho.

### **3.2. AS VÁRIAS ÉVORAS OU COMO DELIMITAR O FENÓMENO URBANO DE ÉvORA**

Enquanto para o visitante, Évora continua a ser acima de tudo uma cidade patrimonial, encerrada nas suas muralhas, para a grande maioria dos habitantes, a aglomeração urbana de Évora é muito mais, embora não exista um consenso na percepção da sua delimitação. Num extremo estão aqueles que já assimilam a cidade ao concelho, no outro os que vêem a cidade limitada ao contínuo edificado, deixando de fora pequenos aglomerados, como Guadalupe, Valverde, ou áreas perfeitamente integradas na dinâmica urbana, mas caracterizadas por um povoamento disperso e que na memória das gentes ainda persistem como áreas rurais e agrárias, como é o caso dos Canaviais, onde a partir de um núcleo inicial se tem configurado, por crescente adensamento, um bairro, o Bairro dos Canaviais.

Considerando os bairros como realidades que remetem para um todo urbano, poderíamos sugerir que a cidade de Évora é constituída pelo “Centro Histórico” e pelos bairros, o que poderá configurar, como em muitas outras cidades, uma dupla pertença dos habitantes: são da cidade e de um bairro. Apesar de ficarem de fora algumas situações, quer na proximidade imediata das muralhas, quer nas periferias menos integradas e mais descontínuas, esta “realidade de cidade e bairro”, parece-nos adequada e até responde ao processo genético de Évora ao longo dos séculos: na Idade Média, para lá da cerca romano-gótico-muçulmana, cresceram bairros, como os da Mouraria, da Judiaria, dos Mercadores... com a chegada do Caminho-de-ferro inicia-se o Bairro da Estação, mais tarde o Bairro Novo, ou Bairro da Urbanização Nº1... depois um grande número de bairros clandestinos, Poço Entre as Vinhas (actual Senhora da Saúde), Senhora da Glória, Santa Maria... e legais, Vista Alegre, Cruz da Picada e mais recentemente ainda os Bairros do Bacelo, dos Álamos, da Malagueira...

Só muito recentemente, com o alastramento de habitats urbanos dispersos e com os primeiros “condomínios fechados”, aquela lógica de fazer cidade está a ser posta em causa.

Em síntese, o fenómeno urbano de Évora recobre várias realidades físicas, sociais, culturais e urbanísticas, sendo hoje difícil delimitar uma “cidade de Évora”, no sentido clássico do termo.

### 3.3. RECUPERAÇÃO DO PROCESSO HISTÓRICO

Mais do que um conceito, é uma ideia que pretende traduzir, ou esclarecer, em intervenções urbanísticas, a riqueza das marcas da “mancha” de Évora através dos tempos. Não se trata de “refazer” ou de “reconstituir” a História através de intervenções anacrónicas, mas antes de pôr em evidência que os 2000 anos de História que nos legaram a cidade de hoje, foram muito mais ricos e inseridos no processo histórico global do que as marcas presentes sugerem.

Na nossa perspectiva poderão contribuir para tal objectivo tanto a promoção de acções resultantes da assumpção da prática arqueológica enquanto instrumento de aprofundamento da valorização urbana, como de acções que aproximem a “cidade” intramuros da “cidade” extramuros, na perspectiva de que o fenómeno urbano de Évora é uno e que esta unidade deve ter uma tradução física, funcional e simbólica.

“Recuperar o Processo Histórico” implica indagar das opções de outras cidades, com afinidades com Évora e aprender com essas experiências. Mas significa também olhar para Évora em diferentes momentos no tempo e compreender o que aconteceu então. Desde logo, as indagações devem chegar ao entendimento dos momentos áureos da História da Cidade, como por exemplo nos finais do século XV, quando um visitante ilustre como Jerónimo de Münzer a descreve com apreço e a compara à sua Nuremberga.



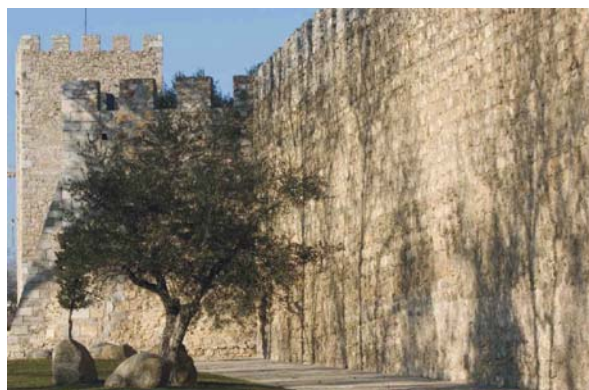
Com Évora: Recuperar o Processo Histórico, queremos significar acima de tudo que Évora teve um passado, vive o presente e orienta-se para o futuro em consonância com a urbanidade global, ou seja, no espírito do tempo.

#### 3.4. PERMEABILIDADE DAS MURALHAS

As muralhas começaram por ser infra-estruturas de defesa que, com a evolução das técnicas de guerra e da expansão urbana, sofreram processos de obsolescência e de inovação. Em Évora temos exemplos muito interessantes, de distintas épocas.

A muralha romana tornou-se obsoleta fundamentalmente devido ao crescimento da cidade para lá da cerca, pelo que quando da construção das muralhas medievais apenas no troço mais escarpado, onde se construiria um castelo, se mantiveram as funções defensivas entre o interior e o exterior, o que teve consequências a vários níveis: o reforço das muralhas enquanto barreira, não só funcional, mas também visual e simbólica, sem que se obtivessem vantagens no plano do desenvolvimento urbanístico através da criação de circulares/rondas/*rings* urbanos, o que nas situações mais conseguidas (o caso do Ring de Viena de Áustria será o protótipo) acabaram por funcionar como espaços-charneira ou membranas de permeabilidade entre o dentro e o fora (*in-out*). De facto, em Évora, a “limpeza” das muralhas acentuou o isolamento do chamado “Centro Histórico”.

É interessante verificar como a cerca romana coexiste como elemento integrante da cidade, não estabelecendo uma solução de continuidade entre o fora e o dentro, enquanto a cerca medieval e suas extensões modernas, apesar da sua força imagética e evidência patrimonial, constituiu uma barreira que contribuiu para a descolagem urbano-patrimonial da cidade extramuros.



O advento da artilharia e a sofisticação das técnicas de guerra, mormente nos séculos XVI e XVII evidenciaram a inutilidade da cerca medieval, pelo que, recorrendo à ajuda técnica estrangeira se construíram muralhas e baluartes segundo os princípios desenvolvidos pelos engenheiros militares italianos do século XVI e aperfeiçoados pelo francês Sebastien Le Prestre de Vauban.

Em todas estas infra-estruturas foram abertas portas que, sem prejuízo da função defensiva, tinham por objectivo facilitar a permeabilidade, não dificultando as relações entre a cidade e os espaços envolventes, nomeadamente através da melhor organização da rede viária.

As intervenções de “limpeza” das muralhas que tiveram lugar em diferentes momentos do século XX (no espírito do tempo) podem, nalguns períodos, ter incrementado as acessibilidades, mas não incentivaram a permeabilidade, a aproximação.

Assim, importa valorizar as muralhas enquanto elemento de memória da cidade, mas, ao mesmo tempo, desfazer o efeito de barreira, conferindo-lhes permeabilidade – física, social e cultural.



### 3.5. CENTRO HISTÓRICO

Trata-se de um conceito muito fluído e de difícil estabilização e que muitas vezes é definido mais em termos de perímetro que de conteúdo. Em situações como a de Évora, a tarefa é facilitada (o que não significa que seja optimizada) pela existência de uma muralha, contínua, embora com troços de épocas muito distintas e com processos históricos muito diversos.

De facto, nem a História parou após a construção do circuito muralhado, nem os valores patrimoniais se restringem ao que está no interior desse perímetro. Muito do património de qualidade edificado ao longo de 20 séculos, está na cidade intramuros que, apesar de um

evidente “fecho”, não deixou de dialogar com a cidade de cada época, deixando-se contaminar, acertando o passo com o tempo.

A unidade do fenómeno urbano que se traduz primordialmente na cidade de Évora, deve ser enaltecida e objectivada em todos os espaços urbanizados e em todos os momentos históricos. O que significa que o respeito e a ambição de enriquecimento dos patrimónios edificados se devem entender para lá do circuito muralhado. Por outras palavras, Évora terá que ser vista como uma realidade com uma História, a do passado, a do presente e a do futuro.

Portanto, o conceito restrito de Centro Histórico tem apenas um valor operativo enquanto espaço de intervenção qualificadora, embora esta deva ser concebida num prospecto temporal, espacial e cultural mais amplo.



### **3.6. CIDADE COMPACTA, CIDADE FRAGMENTADA E CIDADE DISPERSA**

As cidades, em geral, são formadas por um conjunto coerente de tecidos urbanos, bem articulados e coesos.

Por determinantes várias – físicas, tecnológicas, sociais, económicas e culturais – as cidades adquirem formas diversificadas. As formas contínuas e compactas são as mais comuns e historicamente as mais conseguidas. Isto não significa que não existam cidades multipolares e